

# esso no tratamento de doenças mentais



e três anos depois foi transformado em hospital psiquiátrico

## De volta para casa

Grande parte das boas histórias de detetive reúne elementos que mobilizam a atenção. Mas a que levou ao paradeiro da família de Sebastião Silva Andrade, de 57 anos, teve um a mais: a emoção. Esse era o sentimento geral no dia 18 de novembro, no Centro de Atenção Integral à Saúde (Cais) Clemente Ferreira: após oito anos no local e 40 de internação motivada por problemas mentais, Sebastião estava indo embora para voltar a viver com a família.

Quatro meses antes, a funcionária do Núcleo de Apoio Administrativo Salete Gomes encerrava a procura que levou ao re-encontro de Sebastião com os parentes que não via há 36 anos. A busca teve início logo após a primeira pista sobre o vínculo, rompido em meio a diversas transferências de instituição, que levaram o paciente a perder suas referências e os laços com a família.

"Quando ele chegou aqui, não tinha mais documentos, nem informações sobre sua origem", relata a detetive. "Até que um dia uma psicóloga o viu chorando e, ao abordá-lo, ele disse sentir saudades e lembrou-se de alguns nomes", conta.



De volta para casa, Sebastião despede-se dos amigos

A vontade de Salete aliada à facilidade que a Internet proporciona trouxe resultados. Os irmãos Oscar, Osvaldo, Naíde e Eva estavam em Itu e, sem notícias, achavam que Sebastião havia morrido.

"É só alegria", disse ele, ao despedir-se dos amigos para ir morar com a família. E emendou: "Lá na casa do meu irmão tem telefone, posso ligar para vocês". Segundo a diretora-técnica do departa-

mento de saúde do Cais, Sílvia Helena Marcolino, graças à iniciativa de profissionais comprometidas como Salete, nesse ano já foram localizadas as famílias de oito pacientes. "Existem muitas pessoas internadas que há décadas não têm notícias dos seus familiares", explica. "Todos esses reencontros levam à reinserção social dos pacientes e são marcos na história da psiquiatria brasileira", destaca.

As Residências Terapêuticas também são supervisionadas por esse núcleo, que desenvolve ainda o Cinema e Reflexão, com trabalho em grupo a partir da exibição de filmes, e o Leitura Reflexiva, que objetiva promover a melhora da auto-estima e a valorização de pontos positivos por meio da leitura em conjunto, geralmente de livros de auto-ajuda. À frente desses projetos, a psicóloga Gislaíne Lima da Silva destaca que a terapia com atividades como essas funciona inclusive com pessoas mais resistentes, como homens que não aceitam fazer artesanato ou pintura, por exemplo.

A profissional é ainda a responsável pela aplicação do programa estadual *Conte Comigo*, para a avaliação dos serviços de saúde pelos pacientes. "Estamos conseguindo abranger em média 20% da clientela por mês. O que já garantiu mudanças. Pudemos detectar que os frequentadores do Caps III tinham preferência por lanche em vez do jantar", exemplifica.

Simone de Marco

Da Agência Imprensa Oficial

### SERVIÇO

Centro de Atenção Integral à Saúde Clemente Ferreira

Estrada Lins - Guaiçara - km 4

Tel. (14) 3522-6222 - ramal 2007

E-mail [nucleoadministrativo@ig.com.br](mailto:nucleoadministrativo@ig.com.br)

## Aquarela de artistas

A ideia de uma oficina específica de pintura em tela surgiu a partir da vontade de Mário. Ele começou a pintar e se tornou um artista dos pincéis, daqueles que veem uma figura que agrada e logo quer reproduzi-la na tela. "Antes", conta a professora de pintura e terapeuta ocupacional, Genicley Márcia de Almeida, "só ficava trancado no quarto, fumando".

Agora é diferente, porque foi criado o *Projeto Aquarela*, que está no terceiro ano. Caracteriza-se pelo trabalho caprichado, com estilo profissional, cuja produção anual é reunida e fotografada para virar calendário. É motivo também de uma festa, aberta à comunidade, de lançamento da folhinha, a cada fim de ano. Há grande disputa pelas telas. "Isso porque o projeto alcançou grande projeção", diz Genicley.

Funciona no Núcleo de Ações Terapêuticas do Cais Clemente Ferreira, mas de forma independente. Não faz parte das atividades específicas do núcleo, porque a oficina já tem receita própria, que dá conta inclusive dos gastos com a confraternização. Neste ano, foram pro-



duzidos 34 quadros, de vários tamanhos e estilos, pelos 22 alunos do projeto - Mário é um deles.

"Ele não parou mais de pintar. Gosta muito de navios. E, enquanto dá as pinceladas, canta e conta coisas de sua vida, o que não fazia de jeito nenhum", destaca Genicley, enquanto apresenta alguns dos

quadros criados por ele e pelos outros participantes.

Porém, Mário não está num dia de conversa. Com certa relutância, aceita ser fotografado, pois tem um trabalho de que se orgulha de realizar. Gosta ainda de presentear a família com sua criação. Quando ele a visita, todo ano, costuma levar uma tela.



O trabalho artístico com estilo profissional faz da aquarela um sucesso



Karokê: momento de relaxamento e descontração no Cais